

corporações na formação de coesão social necessita verificação empírica e experimentação. A dissociação provocada pela falta de internalização de mecanismos partilhados de interação social e pela instabilidade das instituições produz contextos sociais anômicos que prestigiam os interesses egoísticos (*self-interest*). Mais ou menos anomia na comunidade, como desempenhar o controle social das corporações anômicas e como pensar questões anômicas transnacionais são questionamentos de fundo para uma nova e promissora agenda de pesquisa em ciências criminais.

### 3.1.1. ALBERT COHEN E A SUBCULTURA DELINQUENTE

Albert Cohen desenvolveu a teoria geral da subcultura e a desintegração dos valores convencionais em função do contexto de intensificação da industrialização, dos fluxos migratórios e urbanização. Com base nestes pressupostos, A. Cohen investiga a evolução do crime e da criminalidade em áreas altamente afetadas, gerando contextos de aprendizagem do comportamento desviante, resultante das interações sociais que acabam por cultivar valores antissociais e atitudes antissociais. A subcultura também exerce pressões de conformidade, por meio de poderosos incentivos para reafirmação dos padrões de dissociação marcados pelo grupo subcultural. Em *Delinquent boys: the culture of the gang*, A. Cohen marca com precisão os processos sociais de contínuo realinhamento de grupos, transição de indivíduos de um grupo a outro, movidos pela necessidade de identificação (*adjustment*)<sup>43</sup>.

O problema teórico central analisado por A. Cohen é a dependência que os grupos subculturais impõem a seus integrantes, compelindo-os pela manipulação de seu *status* perante o grupo à contínua e sistemática submissão ao alinhamento do comportamento individual a subpadrões de conformidade<sup>44</sup> e de inovação<sup>45</sup>. A formação de subculturas delinquentes encontra nos estudos de A. Cohen quase como uma extensão das teorias do *strain*, desorganização social e associação diferencial. O grande mérito de A. Cohen, na verdade, foi identificar a diversidade das normas sociais na sociedade. Há grupos que criam “subculturas” a partir dos padrões normativos da

43. COHEN, Albert. *Delinquent boys: the culture of the gang*. New York: The Free Press, 1955, p. 56-58.

44. “(...) the crucial condition for the emergence of new cultural forms is the existence, in effective interaction with one another, of a number of actors with similar problems of adjustment”. COHEN, Albert. *Delinquent boys... cit*, p. 59.

45. “(...) the innovation to solve his status problem, that these new criteria be shared with others, that the solution be a group and not a private solution. If he ‘goes alone’ he succeeds only in further estranging himself from his fellows. Such new status criteria would represent new subcultural values different from or even antithetical to those of the larger social system”, COHEN, Albert. *Delinquent boys... cit*, p. 59.



identidade cultural hegemônica, obedecendo a uma normatividade própria. A. Cohen analisou a forma destas subculturas no âmbito das gangues juvenis e possibilitou que Cohen categorizasse as subculturas a partir de duas orientações ideológicas básicas: 1) frustração em vista do *status*, que promove uma dissociação entre a realidade social dos indivíduos e as metas culturais impostas pela sociedade; 2) formação da reação, decorrente da frustração de expectativas sociais causada pela falta de *status*, que justifica a eleição de novas normas sociais<sup>46</sup>. A reação aos padrões culturais vigentes permite explicar as infrações não-utilitárias, que não podem ser traduzidas em percepção de ganho imediato aos indivíduos, salvo a própria manifestação das novas normas sociais sustentadas pela subcultura e as necessidades internas de aceitação perante o grupo<sup>47</sup>.

Na verdade, a crítica criminológica bem pouco explora o fato de que a formação de subculturas não significa a representação de uma contracultura ou crítica subversiva dos valores vigentes. A. Cohen aperfeiçoa o modelo de Merton na medida em que entende a subcultura como manifestação coletiva, e não individual. Não há uma nova fundamentação da identidade ideológica ou mesmo das mediações materiais de existência na sociedade. Walter Miller, apesar de não manter interlocução com Cohen, dedicou uma série de estudos empíricos longitudinais para demonstrar que os membros de gangues juvenis, em verdade, eram jovens normais da classe trabalhadora, porém premidos pela imposição cultural de uma classe alta, e que acabam sendo negligenciados na priorização de políticas públicas de prevenção<sup>48</sup>.

A subcultura é antes apenas expressão da identidade cultural vigente, porém com novas orientações normativas de comportamento e aceitação/rejeição que levam os indivíduos tanto a (a) aprender – em associação – novas formas de interação social e adaptar-se aos padrões de exclusão e marginalização impostos pela identidade cultural hegemônica, quanto (b) questionar a idoneidade das instituições para se atingir as metas sociais, afrontando-as para reconfigurar a percepção do *status* e do prestígio entre as pessoas com quem estabelece interações associativas.

46. COHEN, Albert. *Delinquent boys...* p. 66 e ss.

47. McSHANE, Marilyn et al. *American Victimology*. El Paso: LFB Scholarly, 2011, p. 54: "gang initiations that involve being dropped off without a weapon to make your way back from inside a rival gang's territory reflect the group's emphasis on toughness, bravery, and street smarts".

48. MILLER, Walter B. "Lower class culture as a generating milieu of gang delinquency". *Journal of Social Issues* 14/1958, p. 5-19; MILLER, Walter B. *The growth of youth gang problems in the United States: 1970-98*. Washington: Report/Diane Pub Co., 2001, p. 1 e ss.



Marvin Wolfgang e Franco Ferracuti resgatam a noção de que não apenas a motivação para cometer um crime é parte essencial da natureza humana, mas os não cometer também é indissociável da personalidade e deveria estar na base das estratégias de controle social. No lugar dos questionamentos apegados a “por que as pessoas cometem crimes?”, mais valeria se dedicar a compreender “por que as pessoas não cometem crimes?”. A inversão proposta em Wolfgang e Ferracuti depende da criação de indicadores para avaliar como determinados grupos sociais e instituições logram alcançar efetividade nas suas regras<sup>49</sup>, evidenciando mais ou menos violência em seu comportamento subcultural. Terence Thornberry *et al* empenham significativa análise do comportamento associativo juvenil desde a perspectiva da criminologia desenvolvimental e da *life-course theory*, alinhados a estudos longitudinais do comportamento antissocial dos indivíduos – e não dos grupos (*Rochester Youth Development Study*) –, determinando as causas por que um indivíduo se integra em uma gangue e outro não, além da medida a partir da qual a gangue influencia ou não no comportamento do indivíduo<sup>50</sup>. Adler, Mueller e Laufer comentam que A. Cohen oferece referências claras para analisar quando surgem os grupos subculturais – a partir de uma tensão (*strain*) –, por que eles assumem determinada forma – desorganização social (*social disorganization*) –, e como são transmitidos de uma geração a outra (associação diferencial)<sup>51</sup>.

A vitimologia não deixou de acompanhar estes desenvolvimentos da subcultura delincente. Isso permitiu observar que os jovens se predispõem ao comportamento associativo para aliviar o *stress* e as tensões geradas pela pobreza, privações e alienação frente aos padrões convencionais de sucesso ditados pela classe média, integrando-se às gangues<sup>52</sup>. Este padrão de comportamento tende a ser reproduzido na disputa entre gangues rivais e mesmo dentro das prisões ou em internação. Todavia, o curioso é que os níveis de vitimização entre as gangues são significativamente maiores do que em relação a quem não pertence a qualquer gangue<sup>53</sup>.

49. WOLFGANG, Marvin; FERRACUTI, Franco. *The subculture of violence*. 2. ed. London: Routledge, 2002, p. 71 e ss.

50. THORBERRY, Terence *et al* (org). *Gangs and delinquency in developmental perspective*. Cambridge: Cambridge Press, 2003, p. 3 e ss.

51. ADLER, Freda; MUELLER, Gerhard; LAUFER, William. *Criminology and the Criminal Justice System*. 6. ed. Boston: McGraw Hill, 2007, p. 136.

52. McSHANE, Marilyn *et al*. *American Victimology... cit.*, p. 54.

53. McSHANE, Marilyn *et al*. *American Victimology... cit.*, p. 54. A tipologia de Malcolm Klein e Cheryl Maxson (KLEIN, Malcolm; MAXSON, Cheryl. *Street gangs patterns and policies*. Oxford: Oxford Press, 2006, p. 68 e ss.) é reconhecida dentre as principais referências neste campo, apontando diferen-



A compreensão da subcultura delinquente representa alguns avanços significativos no esclarecimento de alguns processos de vitimização, especialmente porque permite identificar as causas do comportamento violento no interior das associações subculturais. Trata-se, em realidade, do exercício do controle para “dominação e supressão das ameaças aos valores do grupo”, “a violência é concebida como meio de proteção dos sentimentos, crenças e costumes dos membros associados”, mediante “reações apropriadas a transgressões reais ou imaginárias”<sup>54</sup>.

John Braithwaite, de forma bastante criativa, discutiu a formação de subculturas na criminologia corporativa. Independentemente se no campo da criminalidade de ruas ou se na criminalidade dos poderosos, o impacto da estigmatização na personalidade da organização se desdobra em “formações de subcultura” em razão da humilhação ou vergonha (*corporate shame*), as quais se expressam em resistência às estratégias de controle social, especialmente formal decorrente de *law enforcement*, e regulação<sup>55</sup>.

### 3.2. TEORIA DO CONTROLE SOCIAL

Desde as formulações originais de Edward Alswort Ross, um dos fundadores da sociologia norte-americana, as teorias do controle social reportam-se aos “sistemas de crenças, mais do que leis específicas, que orientam o comportamento das pessoas e servem, universalmente, como controle deste comportamento”<sup>56</sup>. Se bem que esta premissa básica padeça de certa vagueza, foi por muito tempo o referencial em torno do qual se estruturaram as principais teses do controle. Assim como, por muito tempo, Ross foi responsável pelo certo descuido do pensamento criminológico em relação aos mecanismos de controle social informal e aos processos de socialização que pudessem inibir o interesse próprio e a perda de solidariedade<sup>57</sup>.

ças significativas no comportamento associativo juvenil na Europa e nos EUA, especialmente em função da disponibilidade de armas de fogo e da menor incidência de gangue no espaço europeu. KLEIN, Malcolm; WEERMAN, Frank; THORNBERRY, Terence. “Street gang violence in Europe”. *European Journal of Criminology*. 3;2006, pp. 413-437.

54. McSHANE, Marilyn et al. American Victimology... *cit.* p. 55. Neste campo, McSHANE, Marilyn et al, American Victimology... *cit.* destaca que as leituras de Wolfgang e Ferracuti já apontavam que o emprego de armas, agressão masculina, lutas, machismo e estruturas familiares patriarcais são igualmente idealizadas no campo da subcultura, inclusive mediante a ocorrência de assassinatos para auto-defesa ou retaliações, McSHANE, Marilyn et al. American Victimology... *cit.*, pp. 54-55.

55. BRAITHWAITE, John. “Criminological theory and organizational crime”. *Justice Quarterly*, 6/1989, p. 339-340.

56. “(...) belief systems rather than specific laws guide what people do and universally serve to control behavior”, ROSS, Edward A. *Social control: a survey of the foundations of order*. London: Macmillan, 1910, p. 126 e ss.

57. “Thus, as natural communities mature into “artificial societies” the regulation of conduct to quell temptation demands a means of control that is more formal and systematic. Quite simply, with societal